

CIRCUITO CULTURAL E ACONTECER SOLIDÁRIO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO: FEIRA LITERÁRIA DA ZONA SUL (FELIZS)

Thiago Andrade Gonçalves ¹
Adriana Maria Bernardes da Silva ²

RESUMO

Este trabalho objetiva contribuir com o estudo do atual processo de periferização na metrópole de São Paulo evidenciado nos usos do território por coletivos artísticos e culturais. Para tanto, busca-se analisar os coletivos culturais e os usos do território através de alguns aspectos da Feira Literária da Zona Sul (FELIZS), que acontece na Zona Sul da cidade, no Campo Limpo, sobretudo em suas edições mais recentes, 2023 e 2024. Buscou-se inventariar os elementos que constituem as interações entre os “sistemas de objetos e os sistemas de ações” - conforme teoria de Milton Santos - que articulam a feira nessa fração do espaço geográfico da metrópole. Objetos e ações configuram um circuito cultural e revelam aspectos de um acontecer solidário na periferia de São Paulo. A metodologia adotada envolveu revisão bibliográfica e trabalhos de campo mediante a observação participante de modo sistemático na coleta de dados, sobretudo dados qualitativos, e registro em diário de campo.

Palavras-chave: Circuito cultural, acontecer solidário, periferia, São Paulo-SP, coletivos culturais.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo contribuir al estudio del actual proceso de periferia urbana en la metrópoli de Sao Paulo, evidenciado en los usos del territorio por parte de colectivos artísticos y culturales. Para ello, se analizan los colectivos culturales y los usos del territorio a través de algunos aspectos de la Feria Literaria de la Zona Sur (FELIZS), que se celebra en la Zona Sur de la ciudad, en Campo Limpo, sobre todo en sus ediciones más recientes, 2023 y 2024. En la FELIZS 2023 y 2024 se buscó inventariar los elementos que constituyen las interacciones entre los “sistemas de objetos y los sistemas de acciones” - según la teoría de Milton Santos - en la composición de esta fracción del espacio geográfico de la metrópoli. Los objetos y las acciones configuran un circuito cultural y revelan aspectos de un acontecimiento solidario en la periferia de Sao Paulo. La metodología adoptada implicó una revisión bibliográfica y trabajos de campo mediante la observación participante de manera sistemática en la recopilación de datos, sobre todo datos cualitativos, y el registro en un diario de campo.

Palabras clave: Circuito cultural, evento solidario, periferia, Sao Paulo-SP, colectivos culturales.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e graduado em geografia no Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo (IC-UNIFESP), t219106@dac.unicamp.br.

² Doutora em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo, Professora do curso de Geografia e do PPGEQ da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), abernar@unicamp.br.



INTRODUÇÃO

A metrópole de São Paulo, atualmente, consolida e impulsiona seu processo de periferação, que remonta ao contexto da urbanização do início do século XX. Milton Santos (2009 [1990]) pondera a respeito do enorme crescimento populacional da cidade entre as décadas de 1930 a 1990, que levou à expansão da mancha urbana e, consequentemente, ao crescimento desmedido da cidade alargando suas bordas e periferias. “Considera-se que, entre 1950 e 1980, a área urbana cresceu nove vezes, enquanto a população se multiplicou 4,5 vezes” (Santos, 2009 [1990], p. 22). Esse fenômeno se deu através de uma lógica complexa de urbanização, para além do crescimento populacional acelerado. Trata-se da “lógica da desordem” a qual, segundo Lúcio Kowarick (1976), corresponde à lógica do capitalismo industrial dependente e periférico brasileiro que une o crescimento econômico e urbano com a produção e reprodução da pobreza.

Do ponto de vista da urbanização paulistana, essa lógica bloqueou o acesso à terra e à moradia urbana da população de baixa renda que, assim, se viu permanentemente obrigada a buscar alternativas habitacionais em locais distantes, geralmente em condições precárias. Essa lógica, portanto, resulta em acentuada segregação socioespacial reforçada, de tempos em tempos, por um processo de retenção dos terrenos à espera especulativa de valorização imobiliária, fragmentando o espaço urbano. Tal processo levou ao surgimento de bairros cada vez mais distantes do centro expandido da cidade formando as periferias que conhecemos hoje. A formação das periferias urbanas da Zona Sul de São Paulo que buscamos tratar neste trabalho remonta necessariamente a essa lógica de urbanização, mais especificamente nos anos 1970 e 1980.

Esses processos consolidados, que correspondem à atual periferação, ensejam novos conflitos, disputas e problemáticas para a compreensão das questões periféricas em São Paulo hoje, bem como evidenciam novas formas de resistência, de luta e organização popular nas periferias que se dão a partir de novos usos do território. Os Coletivos Culturais da Zona Sul, como o Sarau do Binho, são bons exemplos disso³.

Os Coletivos Culturais são uma das expressões mais efervescentes e contemporâneas dos movimentos sociais atuantes nos espaços urbanos do Brasil e em outras partes da América

³ Este trabalho é fruto de pesquisa em andamento no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e é o desdobramento de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida por Thiago Andrade Gonçalves durante a graduação em Geografia na Universidade Federal de São Paulo intitulada: “Espaço, cultura e política na periferia do município de São Paulo: usos do território da Feira Literária da Zona Sul (FELIZS)”.



Latina e do mundo (Raimundo, 2017, p. 22); se constituem como grupos organizados (coletivos) que lutam por interesses comuns, sendo “normalmente formados por jovens, muitos deles, periféricos, reunidos por interesses comuns em ações de cultura com características político ideológicas contra hegemônicas” (Idem, p. 23). Esses grupos geralmente trabalham em ações de cultura e produção de arte essencialmente ligada e enraizada aos lugares de onde advém, sendo essa uma premissa básica de todas as ações desses grupos (Pereira, 2023, p. 205), configurando aquilo que Santos (1999, p. 21) chama de razões locais e de saber local.

Segundo Fontes (2018), os Coletivos Culturais aparecem como experiências marcantes de mobilização social e de processos de formação pessoal e coletiva da atual juventude nas periferias, compondo uma miríade de novas cenas culturais e que nos ajudam a entender o atual processo de periferização urbana.

O Sarau do Binho é um dos coletivos culturais fundamentais para a história do movimento cultural das periferias na Zona Sul de São Paulo, sendo considerado um dos primeiros saraus periféricos da cidade. Ele teve início em 1993 de forma ocasional, sem periodicidade. Em 2004, passou a se organizar instituindo o evento do sarau com periodicidade semanal no distrito do Campo Limpo, Zona Sul de São Paulo, e até hoje mantém este calendário promovendo também a articulação e o intercâmbio de informações relacionadas às várias manifestações culturais do lugar. É um encontro que reúne pessoas ligadas à várias linguagens culturais, como poetas, artistas plásticos, músicos, cineastas, fotógrafos, atores, entre outros. Os encontros acontecem, portanto, periodicamente no Espaço Clariô de Teatro, na Praça do Campo Limpo, em unidades do Serviço Social do Comércio (SESC) e em escolas públicas municipais e estaduais do bairro. Além disso, os integrantes do Sarau do Binho são importantes idealizadores e organizadores de uma feira literária no bairro, a Feira Literária da Zona Sul (FELIZS).

A FELIZS acontece anualmente desde 2015, geralmente no mês de setembro, e reúne os coletivos culturais da Zona Sul de São Paulo existentes desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 em lugares simbólicos e marcantes para a vida de relações cotidianas dessa parte da cidade. Tais lugares envolvem equipamentos públicos e privados com funções culturais e educacionais. Entre esses lugares destaca-se a Praça do Campo Limpo (Gonçalves, 2024).

A FELIZS é uma tentativa de unir potencialidades do movimento cultural periférico nos espaços públicos e observar a grandiosidade e a multiplicidade de propostas que a periferia vem desenvolvendo nas últimas décadas. Segundo o site da organização da Feira:



Queremos nos ver e fortalecer num processo de sinergia, potencializando as ações individuais conectadas ao processo coletivo. O fazer cotidiano é essencial, mas é saudável um respiro para reflexão: pensar sobre os caminhos, identificar nossa grandeza e nossas dificuldades. Há uma produção intensa que precisa ser divulgada, valorizada e reconhecida: são estas as premissas iniciais para a criação deste evento (FELIZS, 2024).

Nos lugares de encontro ocorrem diversas atividades, tais como apresentações e espetáculos de música, dança, sarau, contação de histórias e oficinas de produção literária. Além disso, reúnem sujeitos atuantes na cena cultural da Zona Sul almejando trocas de experiências e reflexões sobre o fazer cotidiano da produção artística e cultural dos coletivos.

As análises e os estudos sobre o Sarau do Binho e a produção cultural dos coletivos da periferia de São Paulo foram comumente tratados nos campos da literatura e da análise literária (Tennina, 2013; Dalcastagnè; Tennina, 2019). Com os estudos que tratam da FELIZS também não foi diferente, majoritariamente enfocados em trabalhos que se preocuparam mais com a análise de poemas em aspectos qualitativos e estéticos. Esses estudos, em sua maioria, secundarizam a dinâmica espacial que permeia a produção artística dos saraus da periferia e do movimento cultural, em vínculo estreito com o lugar onde surgiram e onde costumam se apresentar artística e politicamente. Essa secundarização do papel central da dinâmica espacial, do espaço herdado, para o estudo do tema representa riscos à compreensão da totalidade de significados da atuação e usos do território por esses movimentos nas periferias de São Paulo.

Nesse sentido, considera-se a dinâmica espacial através de conceitos e categorias geográficas como caminhos necessários para avanços analíticos no entendimento do tema, objetivando contribuir com o estudo do atual processo de periferização urbana evidenciado nos usos do território por coletivos artísticos e culturais. Para tanto, este trabalho busca analisar os usos do território da FELIZS, sobretudo em suas edições mais recentes, ou seja a FELIZS 2023 e a FELIZS 2024, por serem as edições que foram acompanhadas com mais afinco utilizando a metodologia da observação participante de modo sistemático na coleta de dados, sobretudo dados qualitativos, e registro em diário de campo.

Na FELIZS 2023 e 2024 pôde-se observar, por meio da metodologia adotada, inúmeros elementos que constituem as interações entre os “sistemas de objetos e os sistemas de ações” (Santos, 2002 [1996]) na composição do espaço geográfico, que configuram os usos do território da FELIZS. Neste trabalho, procuramos aprofundar a discussão teórica por meio da noção de circuito cultural (Alves, 2014) e do acontecer solidário (Santos, 2002 [1996]) na periferia de São Paulo.



METODOLOGIA

Para atingir os objetivos deste trabalho adotamos como metodologia a revisão bibliográfica para aprofundar o conhecimento sobre teorias do espaço geográfico, a urbanização e periferização de São Paulo, bem como sobre o que Alves (2014) conceitua como sendo os circuitos e cenas culturais. Ao mesmo tempo, adota-se como estratégia de pesquisa empírica os trabalhos de campo mediante o princípio da observação participante.

Segundo O'Leary (2019, p. 327), é importante reconhecer a observação como método sistemático de coleta de dados que se vale da capacidade do pesquisador de reunir dados através de seus sentidos. Isso requer planejamento e desenvolver uma rotina de trabalho é fundamental. “Mediante notas e manutenção do diário de campo, o pesquisador se autodisciplina a observar e anotar sistematicamente” (Valladares, 2007, p. 154).

A rotina de trabalho com a observação participante da Feira Literária da Zona Sul (FELIZS) não se restringiu à duração da mesma enquanto evento anual com duração limitada. O contato e o diálogo com os sujeitos da FELIZS, bem como os trabalhos de campo mediante o princípio da observação participante, ocorreram durante todos os períodos ao longo dos anos nas apresentações do Sarau do Binho que a caracteriza e na observação da dinâmica cotidiana da Praça do Campo Limpo. Entende-se que a realização da Feira Literária da Zona Sul em setembro de cada ano representa a articulação e o encontro anual dos coletivos culturais da Zona Sul.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para empreender este trabalho, delimitamos a preocupação teórica com o espaço geográfico, “espaço humano ou espaço social” (Santos, 2004 [1978], p. 151) que deve ser considerado como um “espaço banal”, o espaço comum a todos, comum a todas as pessoas, firmas e instituições. Entendido como sinônimo de “território usado” (Santos, 2002 [1996]), o espaço geográfico envolve, portanto, materialidade e sociedade em movimento. Santos e Silveira (2021 [2001]) defendem que ao definir qualquer pedaço do território devemos “levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política” (Santos; Silveira, 2021 [2001], p. 257).



Milton Santos (2005 [1996]) considera que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social” (Santos, 2005 [1996], p. 137). Ou seja, é o uso que interessa para a análise. Uma questão que surge é: como esses usos se dão?

Isso se relaciona com a inseparabilidade entre os sistemas de objetos e os sistemas de ações (Santos, 2002 [1996]). O autor considera o espaço como um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2002 [1996]), no qual os objetos são “tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou” (Idem, p. 72). Enquanto as ações, por sua vez, expressam propósitos, finalidades ou objetivos, ou seja, a “ação é o próprio do homem. Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade” (Idem, p. 82). Dessa maneira, pode-se também relacionar os sistemas de ações realizadas pelos sujeitos através de sua corporeidade - ancorada no tecido (conflituoso e contraditório) da vida de relações cotidianas.

Elementos dos “sistemas de objetos e dos sistemas de ações” (Santos, 2002 [1996]) compõem o espaço geográfico e configuram usos do território, como aqueles que dão forma ao circuito da FELIZS. Esses usos apontam para uma trama de nós, redes, interações que, em sua complexidade, nos levam a compreender a feira através da noção de “circuito cultural” (Alves, 2014). Conforme propõe Alves (2014), o circuito cultural compreende o uso e a apropriação de uma série de fixos e objetos e a articulação, por meio de um conjunto de fluxos imateriais, de diversos agentes do lugar no contato com outros lugares e agentes da rede urbana brasileira e/ou mundial. E, como discutem Alves e Silva (2021), os circuitos culturais se entrelaçam aos circuitos da economia urbana, fomentando a divisão do trabalho e a cooperação. Para Moysés (2023), na análise dos circuitos culturais se deve considerar tanto os sistemas de objetos (técnicos-informacionais) quanto às normas e as intencionalidades dos agentes envolvidos nas etapas de produção cultural, posicionando-a com maior ou menor força na economia urbana em constante movimento.

Os circuitos culturais que emergiram nas periferias das metrópoles brasileiras nas últimas décadas (Alves, 2014; Raimundo, 2017; Moysés, 2023; Pereira, 2023) estão incrustados num determinado espaço herdado (no caso concreto aqui tratado, a Zona Sul da metrópole de São Paulo) marcado por carências, invisibilidades e lutas históricas por sobrevivência e resistência. É essa situação geográfica que nutre, justamente, a profusão de cenas culturais periféricas na disputa por projetos de cidade e novos usos emancipatórios afeitos a este século XXI. Trata-se de problematizar a organização social em meio a fragmentação da metrópole e se perguntar sobre os caminhos de reconstrução da sociabilidade hoje, como assinalou Ribeiro (2005). Considera-se, portanto, que movimentos sociais e



ativismos disputam e recriam o espaço herdado, debatendo o direito ao território (Silva, 2022).

Valoriza-se aqui, do ponto de vista analítico, o cotidiano e o lugar como escala de ação - mas sem idealizações, como recomenda Ribeiro (2005), uma vez que não se deve perder de vista as demais escalas e os complexos imbricamentos entre elas. Afinal, a metrópole de São Paulo enfrenta uma reestruturação urbana desde os anos 1990 dirigida pelas forças do capital financeiro-informacional-imobiliário ancorado no Estado e em suas instituições.

Assim, a FELIZS, entendida através da noção de circuito cultural, nos leva a refletir sobre as formas do acontecer solidário (Santos, 2002 [1996]), isto é, nos leva a refletir sobre uma ação portadora de sentido que se dá por meio do espaço e o transforma através dos usos. Indo além, seria esta uma manifestação, dentre outras situadas nas periferias urbanas, de enfrentamento da fragmentação, do individualismo e da crise urbana (Ribeiro, 2005).

No caso da FELIZS, o acontecer solidário (o evento) recria as horizontalidades no lugar, marcado por um cotidiano compartilhado entre as pessoas mediante regras que são localmente formuladas ou reformuladas e que, junto com a produção e a circulação de informações, tendem a se generalizar horizontalmente (Santos, 2002 [1996], p. 167).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na dinâmica de usos do território da FELIZS 2023 e 2024 foi enfocada a análise na Praça do Campo Limpo na qual pôde-se analisar, por meio da observação participante, inúmeros elementos que constituem as interações entre os “sistemas de objetos e os sistemas de ações” (Santos, 2002 [1996]) na composição dessa fração do espaço metropolitano.

Destacamos os seguintes elementos em nossa análise: a praça, importante centralidade popular da Zona Sul de São Paulo; as tendas de venda de livros, alimentos e artesanatos, compondo a materialidade da divisão do trabalho dos de baixo e a economia urbana que se dinamiza; a “Bicicloteca”, por sua função de fazer circular os livros e, portanto, por sua carga simbólica; o projeto de organização da feira e as “apresentações do Sarau na praça”. Juntos, objetos e ações indissociáveis, conformam os elos de um circuito cultural periférico que tensiona e disputa uma cidade que, historicamente, destinou os equipamentos culturais às suas áreas mais valorizadas e àqueles que podiam acessar os bens culturais pela via do consumo - sempre com o apoio do Estado que, historicamente, tende a dirigir a política urbana e cultural do município como instrumento de seletividade e perpetuação de desigualdades.



A praça localiza-se no distrito do Campo Limpo (Ver Mapa 1) e se configura como uma forma importante por ser um espaço público da periferia de São Paulo, com localização limítrofe entre os municípios de São Paulo-SP e Taboão da Serra-SP. A praça situa-se na ligação entre os miolos de bairro e as vias arteriais de trânsito, com grande fluxo de pessoas e veículos entre zonas da cidade e entre municípios. A principal dessas vias é a Estrada do Campo Limpo, que em um de seus trechos dá acesso ao lado leste da praça; ao sul da praça está a Rua Dr. Joviano Pacheco de Aguirre, uma rua movimentada de conexão entre os municípios limítrofes; já a oeste, norte e nordeste da praça o acesso se dá por ruas pouco movimentadas e de conexão com bairros residenciais, respectivamente: Rua Louis Boulanger, Rua Aroldo de Azevedo, Rua Lupicínio Rodrigues, Avenida Professor Conrado de Deo e Rua José Viriato de Castro.

Nesta localização periférica e movimentada, pode-se considerar que a praça é uma centralidade popular, pelas características apresentadas anteriormente, pelo fato de ser o núcleo histórico do bairro do Campo Limpo e pela concentração de equipamentos e serviços imprescindíveis à população, como: o Terminal de Ônibus do Campo Limpo, a Escola Municipal de Educação Integral (EMEI Campo Limpo), a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF Leonardo Villas Boas), a Biblioteca Pública Helena Silveira, a Casa de Cultura do Campo Limpo, o Centro de Educação Infantil (CEI OLGA BENÁRIO PRESTES), o CEI NATHALIA PEDROSO ROSEMBURG, o Espaço Cultural CITA, o Centro de Testagem e Aconselhamento da Coordenadoria de IST/Aids da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo (CTA José Araújo), o Centro de Atenção Psicossocial (Caps Infantojuvenil II Campo Limpo), entre outros equipamentos e serviços públicos e privados ali fixados no espaço geográfico.

A praça e seu entorno configuram-se também como uma centralidade popular por ali se incrustar inúmeras atividades do circuito inferior da economia urbana da metrópole envolvendo, como assinalou Montenegro (2013, p. 39), “microempresas pouco capitalizadas, prestadores de pequenos serviços, pequenos comércios, pequenos negócios domésticos, vendedores ambulantes etc” que abrigam e geram ocupação e renda para os trabalhadores. Neste sentido, a FELIZ traz uma nova camada de atividades, realimentando a divisão do trabalho dos pequenos.

Mapa 1 - Localização da Praça do Campo Limpo (2025)



Fonte: Elaborado por Thiago Andrade Gonçalves (2025)

Durante a realização da FELIZS 2023 e 2024 na Praça do Campo Limpo observou-se a instalação de inúmeras tendas para comercialização de livros, artesanatos, comidas e bebidas que alimentaram os corpos e as mentes dos participantes do evento. Essas tendas (Ver Figura 1) também podem ser consideradas como elementos componentes dos sistemas de objetos no espaço geográfico, isto é, como materialidade deste circuito cultural.

As tendas de venda de livros foram instaladas uma ao lado da outra em sequência retilínea, formando um corredor de tendas com mesas de livros onde as editoras e seus materiais se fixavam, cada qual em uma mesa disposta na parte da frente das tendas dando a sensação de continuidade no “corredor dos livros”. Destaca-se, sobretudo, a presença de editoras e selos editoriais reunidas em torno da Câmara Periférica do Livro (CPL), a saber: Editora Dandara, Editora Selo Sarau do Binho, Elo da Corrente Edições, Editora Lavra, Editora LiteraRUA, Editora Popular Txai, dentre muitas outras. Essas editoras e selos editoriais consistem em microempreendimentos individuais e coletivos que se dedicam a publicar a literatura produzida nas periferias da metrópole de São Paulo, e que enfrentam dificuldades de inserção e difusão em grandes redes de livrarias. Além disso, caracterizam-se



pela impossibilidade de arcar com descontos extorsivos das grandes plataformas de venda online, o que as leva a venderem seus livros de mãos em mãos em eventos que celebram a cultura periférica. Atualmente, essas editoras e selos editoriais se encontram reunidas na Câmara Periférica do Livro (CPL), um projeto recente da Ação Educativa - associação civil sem fins lucrativos que atua nos campos da educação, da cultura e da juventude na perspectiva dos direitos humanos.

Já as tendas de venda de comidas e bebidas foram instaladas em duas sequências retilíneas, formando um corredor ao ar livre para as pessoas transitarem entre os diferentes pratos típicos da culinária regional brasileira e latinoamericana, sobretudo de forte influência nordestina e colombiana. Exemplos desses pratos são o Acarajé (um prato icônico da culinária baiana) e as Arepas (um prato de massa de pão feito com milho moído ou com farinha de milho pré-cozido típico nas culinárias populares e tradicionais da Bolívia, Colômbia, Venezuela e Panamá). Além das tendas de comidas, haviam diversas tendas especializadas em comercializar sucos de frutas brasileiras e cervejas artesanais, como a Cerveja Corisca⁴.

Próximas a esse conjunto de tendas, foram fixadas as tendas de venda de artesanatos nas quais se davam a comercialização de: pequenas peças de cerâmica e bijuterias confeccionadas por comunidades indígenas da Zona Sul de São Paulo; vestimentas típicas da cultura afro-brasileira; acessórios e bijuterias feitos por mulheres que se declaram empreendedoras; e roupas feitas artesanalmente, como as do Atelier Bento Rosa⁵.

⁴ A Cerveja Corisca é um empreendimento de impacto social criado em 2017 por duas mulheres que se autointitulam como “empreendedoras, periféricas, nordestinas e LGBTQI+”. Esse empreendimento consiste na produção de cervejas artesanais a partir dos princípios da economia solidária, feminista, inclusiva e social. Sobre isso, veja mais no Instagram: @cervejacorisca.

⁵ O Atelier Bento Rosa é uma marca artesanal de produção de roupas confeccionadas por mulheres que se classificam como “empreendedoras negras”. Sobre isso, veja mais no Instagram: @atelierbentorosa.

Figura 1 - Tendas de venda de livros e artesanatos na Praça do Campo Limpo durante a FELIZS (2024)



Fonte: Fotografado por Thiago Andrade Gonçalves (2024)

A “Bicicloteca” (Ver Figura 2), por sua vez, seria, parafraseando Smith (2000), um objeto dissonante na paisagem, com forte carga simbólica a revelar a necessidade premente de circulação da cultura. Consiste em uma biblioteca ambulante instalada em uma bicicleta utilizada nas apresentações do Coletivo Cultural Sarau do Binho na Praça do Campo durante a realização da FELIZS. Simboliza a circulação da informação, do conhecimento, das ideias e debates sobre arte, política e projeto popular de cidade. Na FELIZS 2023 e 2024, essa Bicicloteca ficou estacionada em frente às apresentações artísticas do Sarau e foi convidativa a todas as pessoas para que escolhessem e pegassem livros para ler, principalmente as crianças. Esses livros foram doados a quem se interessou em ler, fazendo a alegria das crianças, que ficaram deslumbradas com o presente na praça e ficaram instigadas a conhecer a história contida no livro. Além do estímulo à formação, promove-se acesso ao conhecimento socialmente construído àqueles que carecem de mais oportunidades de acesso aos bens e serviços por sua condição social, financeira, espacial e cidadã na cidade de São Paulo. Junto à Bicicloteca há uma placa escrito: “tem um livro no meio do caminho”, em alusão ao famoso poema de Carlos Drummond de Andrade, “No Meio do Caminho”, que se refere às impossibilidades e obstáculos que as pessoas encontram na vida. Para Drummond, “tinha uma

pedra no meio do caminho”, mas para o Sarau do Binho e para a FELIZS, desafiando as impossibilidades e obstáculos de se viver numa metrópole corporativa e fragmentada (Santos, 1990), “tem um livro no meio do caminho”, o que simboliza a formação cidadã como superação dos obstáculos.

Figura 2 - Bicicloteca na Praça do Campo Limpo durante a FELIZS (2024)



Fonte: Fotografado por Thiago Andrade Gonçalves (2024)

Entre os elementos dos sistemas de ações nos usos do território da FELIZS na Praça do Campo Limpo, se destacam também as práticas de realização dos saraus. Há diferentes jeitos de fazer esses saraus, ou seja, nas palavras de Ribeiro (2005, p. 411) de “fazer sociedade”. Nas apresentações artísticas do Coletivo Cultural Sarau do Binho na Praça do Campo Limpo, um evento de curta duração (em comparação com a totalidade espaço-tempo parecendo ser algo ínfimo), que influencia a vida de relações cotidianas dos sujeitos. Os usos do território da praça pelos integrantes do sarau na FELIZS amplificam as potencialidades daquele lugar e marcam significativamente a vida de relações das pessoas no cotidiano compartilhado por todos. É notável o aumento da vitalidade que a praça ganha com a chegada do sarau. Os poetas chegam na praça arrumando os instrumentos utilizados, estendendo a bandeira do sarau

nas árvores, cantando e tocando violão, posicionando a “Bicicloteca”, convidando as pessoas a se aproximarem e oferecendo livros.

Durante a apresentação artística, muitos idosos e crianças na praça cantam as músicas juntos e se divertem naquele espaço público, ocupando o espaço público. Os poetas mostram suas poesias e fazem falas interessantíssimas sobre o território usado (Veja Figura 3). No Sarau do Binho, por exemplo, as principais falas tratavam de pautas da saúde, do autocuidado das pessoas com a alimentação e das histórias do lugar. Isso chamou a atenção. Consiste em um aspecto de uma ampla “densidade comunicacional” (Santos, 2002 [1996]), de difusão de “informação ascendente” (Silva, 2022) na vida de relações das pessoas. Ali os poetas estabelecem a comunicação com as pessoas, através da linguagem artística e da informação sobre a realidade vivida no cotidiano. Os poemas parecem ter essa função de estabelecer a comunicação com as pessoas ao aconselhar, falar e traduzir a realidade da vida dos periféricos.

Figura 3 - Apresentação do Sarau do Binho na Praça do Campo Limpo (2024)



Fonte: Fotografado por Thiago Andrade Gonçalves (2024)

Problematizamos que os elementos apresentados anteriormente, constituintes das interações entre os “sistemas de objetos e os sistemas de ações” (Santos, 2002 [1996]) na composição do espaço geográfico, configuram novos usos do território que, por sua vez, indicam disputas por projetos de cidade e reflexões críticas sobre uma gama de direitos, sobretudo o direito ao território (Santos, 2007 [1987]; Silva, 2022).

Nesse sentido, o Coletivo Cultural Sarau do Binho e a FELIZS enquanto formas do acontecer solidário de artistas, comerciantes e cidadãos, inovam e permitem a realização do



encontro e da festa no espaço urbano periférico da cidade de São Paulo. O encontro e a festa são práticas espaciais relacionadas com a utopia do direito à cidade (Lefebvre, 1999), pois são também atos políticos de disputa do espaço público, de fruição e de formação de consciência sobre a cidade.

Fontes (2018) contribui com essa discussão ao pensar que o direito à cidade atualmente “não se limita ao acesso a melhores condições de transporte ou mesmo aos aspectos ligados à reprodução da força de trabalho” (Fontes, 2018, p. 77). O autor defende que a negação da cidadania aos moradores das periferias urbanas está relacionada à aspectos muito mais amplos, incluindo sua condição fundamental de cidadão enquanto portador do “direito a ter direitos” (Idem). Assim, Fontes fala do “Direito à Periferia” ao pensar um conceito atualizado de direito à cidade que dialoga com as demandas e anseios dos movimentos e coletivos que têm emergido nas periferias urbanas contemporaneamente. Para o autor, essa noção busca consolidar dois elementos que são centrais na atual mobilização política e social nas periferias. De um lado, “a luta cultural pela afirmação de um modo de vida próprio e, por outro, a reivindicação do ‘direito a ter direitos’, de ser parte de uma comunidade política de forma plena, sem precisar deixar de ser favelado, periférico” (Idem, p. 84). Trata-se, portanto, segundo o autor, de garantir que a conquista dos direitos ocorra mediante o respeito à diferença, de modo que as particularidades da condição periférica não se dissolvam em uma condição cidadã universal, abstrata e vazia de significados.

Assim, o Sarau do Binho e a FELIZS vistos também como festa ou festividade na cidade podem ser entendidos como parte das ações e direitos culturais em direção a uma condição cidadã. Em um contexto em que se pode caracterizar nossa cidadania como incompleta ou “mutilada” (Santos, 1996), essa forma do acontecer solidário abre perspectivas emancipatórias em lugares com histórica rarefação de acesso aos equipamentos culturais. Para o autor, “cada pessoa vale pelo lugar onde está. E o seu valor como cidadão depende de sua localização no território” (Santos, 2007 [1987], p. 107). Ou seja, a depender de nossa localização no território nacional, ou dentro de uma mesma cidade, é possível notar que variam as nossas possibilidades de acesso aos bens e equipamentos imprescindíveis à vida, o que caracteriza as desigualdades de oportunidades de acesso mutilando a nossa cidadania. Nesse sentido, o autor defende a importância da luta pelo direito ao território. Sendo possível reconhecer, portanto, a importância do Sarau do Binho e da FELIZS ao proporcionarem possibilidades de acesso aos bens e equipamentos culturais na periferia, ao mesmo tempo que ensejam um debate político sobre a cidade e seus usos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Coletivo Cultural Sarau do Binho e a FELIZS são frutos de um espaço herdado pelo movimento cultural da Zona Sul de São Paulo, pulsante de múltiplas linguagens, histórias, disputas, lutas e desejos de outras maneiras de viver a cidade e o urbano. São iniciativas que se preocupam com a divulgação, difusão e espraçamento da produção cultural literária periférica - entendida como circuito cultural neste trabalho.

O mesmo processo espacial que configurou a atual periferização da metrópole de São Paulo com suas lógicas de aceleração, crescimento econômico urbano, produção e reprodução da pobreza, das desigualdades de acesso aos bens e serviços imprescindíveis à vida, negação verticalizada de direitos e futuros possíveis e consequente mutilação da cidadania, é também herança e possibilidade de constituição de movimentos sociais e coletivos culturais como o Sarau do Binho e eventos como a FELIZS. Tais movimentos e coletivos reúnem sujeitos que pensam, desejam e disputam outros projetos de cidade, pautando direitos como o direito ao território e esperando a vida de relações cotidianas horizontais no lugar. Através de objetos e ações, usam o território de novas maneiras repletas de criatividade, inventividade, “viração” (Ribeiro, 2012) e “sevirologia - nós por nós” (Soró, 2019). Ao nosso ver, analisar os circuitos culturais é imprescindível para se entender a atual periferização da metrópole e pensar possibilidades futuras de vir a ser nas periferias.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. N. **Os circuitos e as cenas da música na cidade do Recife: o lugar e a errância sonora**. 2014. 496 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

ALVES, C. N.; SILVA, A. M. B. Território, economia e cultura. **Estudos Geográficos** (Unesp). v. 19, p 25-41. 2021.

CAMARGO, C.F.C. *et al.* **São Paulo 1975: crescimento e pobreza**. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

DALCASTAGNÈ, R.; TENNINA, L. (org.). **Literatura e periferias**. Editora Zouk, 2019.

FELIZS. Feira Literária da Zona Sul. Disponível em: <http://www.felizs.com.br/music>. Acesso em: 08 out. 2025.

FONTES, L. O. Do direito à cidade ao direito à periferia: transformações na luta pela cidadania nas margens da cidade. **Plural**, v. 25, n. 2, p. 63-89, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/153617/150072>. Acesso em: 29 jun. 2025.



GONÇALVES, T. A. **Espaço, cultura e política na periferia do município de São Paulo:** usos do território da Feira Literária da Zona Sul (FELIZS). 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Instituto das Cidades - Campus Zona Leste, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2024.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MONTENEGRO, M. R. Reflexões para uma teoria da localização da economia popular nas metrópoles brasileiras. **Boletim Campineiro de Geografia**, 3(1), 37–54. 2013. Disponível em:

<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2475/2013v3n1MMontenegro>.

Acesso em: 18 out. 2025.

MOYSÉS, M. **Espaço banal e essência cotidiana:** ações contrarracionais do RAP pela superação da pobreza estrutural-urbana em São Paulo-SP e São Luís-MA. 2023. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

O'LEARY, Z. **Como fazer seu projeto de pesquisa:** Guia prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

PEREIRA, R. P. **Produção cultural periférica em São Paulo - SP:** o drama da urbanização e suas representações artísticas. 2023. 1 recurso online (255 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

RAIMUNDO, S. L. **Território, cultura e política:** movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RIBEIRO, A. C. T. Sociabilidade hoje: leitura da experiência urbana. **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 45, p. 411-422, Set./Dez. 2005.

RIBEIRO, A. C. T. Homens lentos, opacidades e rugosidades. **Redobra**, Salvador, n. 9, p. 58-71, 2012.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021 [2001].

SANTOS, M. As cidadanias mutiladas. In: LERNER, J. (ed.) **O preconceito**. Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1996. p. 133-144.

SANTOS, M. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 1999.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

SANTOS, M. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2004 [1978].



SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005 [1996].

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007 [1987].

SANTOS, M. **Metrópole Corporativa Fragmentada: O Caso de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2009 [1990].

SILVA, A. M. B. Informatização planetária e usos do território brasileiro: disputas e tendências. In: Mónica Arroyo; Adriana Maria Bernardes Silva. (Org.). **Instabilidade dos territórios: por uma leitura crítica da conjuntura a partir de Milton Santos**. 1ed. São Paulo: FFLCH-USP, 2022, v. 1, p. 225-242.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

SORÓ, J. Nossa teoria é a prática. In: **FÓRUM DE CULTURA DA ZONA LESTE: Nenhum passo atrás**. São Paulo: Fórum de Cultura da Zona Leste/Forma Certa Gráfica Digital, 2019, p. 40-43.

TENNINA, L. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 11-28, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/HJHwYGnS73yQG5hspxC3k8B/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2025.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22 (63), p. 153–155, fev. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/H6CDbCRcfpPK3YmWcrrpw4K/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2025.